

A Comemoração do Dia do Índio entre os Yanomami de Maturacá (AM)¹

Maria Inês Smiljanic

Professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Paraná

Doutora em Antropologia Social pela UnB

Palavras-chave: Yanomami, Maturacá, o Dia do Índio.

Resumo: O dia 19 de abril foi escolhido para homenagear os povos indígenas americanos em 1940, durante o I Congresso Indigenista Interamericano em Patzcuaro, México. No Brasil, foi incorporado ao calendário comemorativo oficial pelo Decreto-Lei 5.540, assinado por Getúlio Vargas em 02 de junho de 1943. Na região do alto Rio Negro (AM), o Dia do Índio é uma data festiva comemorada nas escolas das comunidades indígenas e no município de São Gabriel da Cachoeira, onde é realizado o Festibal, com participação da população indígena e não-indígena. Proponho-me aqui, a partir da análise da comemoração do Dia do Índio na escola de Maturacá, a refletir sobre a história do contato dos Masiripiwëiteri – grupo Yanomami da região do alto Cauaburis – com a sociedade nacional e com outros grupos indígenas da região do alto Rio Negro, demonstrando como as práticas civilizatórias salesianas contribuíram para formação de uma “estrutura de conjuntura” na qual as categorias nativas foram reavaliadas para incorporarem, sob uma concepção cultural particular, as noções de civilização e de progresso.

A comemoração do Dia do Índio em Maturacá

O dia 19 de abril foi escolhido para homenagear os povos indígenas americanos em 1940, durante o *I Congresso Indigenista Interamericano* em Patzcuaro, México. No Brasil, foi incorporado ao calendário comemorativo oficial pelo Decreto-Lei 5.540, assinado por Getúlio Vargas em 02 de junho de 1943. Na região do alto Rio Negro

1 Trabalho apresentado no GT 26, *Narrativas Narrativas e percepções nativas das relações de contato com os brancos*, coordenado por Valéria Soares de Assis (UEM) e Deise Lucy Oliveira Montardo (UFAM) na 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil.

(AM), o Dia do Índio é comemorado nas escolas das comunidades indígenas e no município de São Gabriel da Cachoeira, onde é realizado o Festribal, com participação da população indígena e não-indígena.

Em Maturacá, localidade em que estão situadas três comunidades Yanomami, o Dia do Índio é uma data esperada com grande expectativa². Convidados pelos políticos locais para as comemorações, os Yanomami organizam-se para levar parte da produção local de laranja, farinha, banana para São Gabriel da Cachoeira. As lideranças recebem gasolina para transportar os moradores de Maturacá em seus barcos até a Frente Sul, ponto localizado na BR 307 que liga São Gabriel da Cachoeira à Cucuí, e a prefeitura responsabiliza-se pelo transporte dos Yanomami dali para a cidade.

Em decorrência da centralização das festividades em São Gabriel da Cachoeira, para onde convergem moradores de comunidades indígenas de diferentes etnias, e da importância conferida pelos Yanomami ao Festribal, a comemoração do Dia do Índio na escola de Maturacá no ano de 2000 foi antecipada, para que as famílias pudessem viajar para a cidade. A coordenação do evento ficou sob a responsabilidade da esposa de um militar que trabalhava como voluntária na escola. Estiveram envolvidos na organização do evento moradores das comunidades de Ariabu, Maturacá e Maria Auxiliadora, missionários e militares do 5º Pelotão Especial de Fronteira (5º PEF).

A comemoração do Dia do Índio foi esperada com ansiedade por alunos, pais e professores Yanomami que ajudaram na confecção de enfeites para a festa, providenciaram adornos adequados para a ocasião e providenciaram comida. Foram os pais das crianças, inclusive, que pediram que a festa fosse realizada antes do dia 19, para que pudessem assistir as apresentações de seus filhos, antes de deslocarem-se para São Gabriel da Cachoeira. A escola foi decorada pelos militares, professores e Yanomami que atenderam prontamente ao pedido da organizadora do evento e de um

2 A população Yanomami é aproximadamente de 25.000 pessoas, 15.000 na Venezuela e 10.000 no Brasil. Vivem em uma área de cerca de 20.000.000 hectares, entre as coordenadas 0 e 5 graus norte e 61 e 67 graus oeste, sendo que no Brasil foi demarcada uma área de 9.664.975 hectares durante o governo Collor, em 1992. Constituem uma família lingüística isolada, composta por, pelo menos, quatro línguas diferentes: Yanomami, Yanomam, Sanumá e Yanam, cuja diferenciação lingüística mais antiga dataria de 7 séculos (Migliazza 1972). Uma nova classificação foi proposta por Ramirez: O Yanomam e Yanomami seriam uma mesma língua, o Ninam e o Sanumá permanecem como duas línguas distintas e o dialeto da área do Ajarani, Apiaú, baixo Mucajá e médio-baixo Catrimani é classificado como uma quarta língua (Ramirez 2001). Em 2000, existia em Maturacá três comunidades: Maria Auxiliadora, Maturacá e Ariabu, onde viviam cerca de 800 pessoas.

irmão leigo da missão.

A escola de Maturacá está localizada nas instalações da missão salesiana, próximo à aldeia de Ariabu, na margem esquerda do rio Maturacá. É uma construção de madeira gigantesca, coberta de zinco, que comporta ainda a residência dos padres, a cantina e a Igreja. Entre as aldeias de Maturacá e Ariabu, na margem esquerda do rio, está a missão. É na casa dos padres que funciona a cozinha onde é feita a merenda escolar que é enviada, de forma intermitente, pela prefeitura de São Gabriel³. Na cantina, composta por dois cômodos separados por uma pequena mesa, um irmão leigo vende artigos variados: alimentos, roupas, sapatos, carnes salgadas, etc. A igreja é um salão amplo e confortável com bancos de madeira e um altar ao centro com uma pintura representando a conversão dos Yanomami.

A porta da igreja está voltada para um pátio amplo, onde está um bebedouro e mesas de futebol e de pingue-pongue, que são utilizadas pelas crianças no recreio escolar. É neste pátio que ocorrem a maior parte das atividades festivas e das reuniões que envolvem membros da sociedade nacional e de outras etnias indígenas⁴. Logo após o bebedouro começam as instalações da escola: um pequeno escritório com computador e livros, a sala dos professores e um corredor que leva até as salas de aulas, do lado oposto à igreja, separado do pátio por uma portinhola de madeira.

O pátio coberto do grande galpão onde funciona a escola foi enfeitado para a comemoração com folhas de palmeira que os soldados carregaram no trator do final da pista de pouso do 5º PEF até o pátio da escola. As mesas de futebol e de pingue-pongue foram retiradas e foram colocados bancos para os pais, alunos e demais espectadores. No pátio, foi construído um cenário composto de folhagens exuberantes. As paredes foram enfeitadas com pequenos cestos Yanomami – *xoto* – tecidos pelas mulheres com cipó, longos arcos e flechas masculinos e cartazes. Um dos cartazes, fixado na parede central do pátio, trazia escrito em pincel atômico os seguintes dizeres: *Hoje a escola está em festa resgatando suas tradições, sua história.*

No dia da comemoração, as crianças levantaram-se cedo, banharam-se no rio e

3 Durante o período em que estive em Maturacá, a escola passava por dificuldades e eram constantes o atraso no pagamento dos professores e no repasse de verbas e material para a escola.

4 Logo após minha saída, foi construída uma sede para a Associação Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes (AYRCA), portanto, é possível que parte das atividades políticas tenham sido transferidas para lá.

voltaram para casa para serem pintadas pelos pais. Enquanto isso, os pais mais desprevenidos procuravam mel, castanha, tinta de jenipapo e urucum na casa de seus parentes para adornarem seus filhos⁵. As crianças foram pintadas e vestidas para a ocasião. Por fim, os pais também pintaram-se, o que não é comum no dia-a-dia dos Yanomami de Maturacá, onde as pinturas e demais adornos corporais são reservados para uso nos rituais xamânicos, nas assembléias da Associação Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes (AYRCA), para as reuniões com políticos e para os ritos fúnebres. Alguns homens pintaram-se com jenipapo, cobrindo grande parte do rosto e do corpo com sua tinta preta, pintura que, segundo eles, era comum em tempos de guerra. As mulheres enfeitaram as orelhas com penas e flores. Os homens mais velhos ornamentaram-se com seus *watoxi* – coroa de penas de arara que é geralmente utilizada como enfeite xamânico – e seus braceletes de pena de mutum. Foi desta forma, devidamente trajados para a ocasião, que todos se reuniram na escola por volta das 9 horas da manhã.

Na escola, as crianças foram divididas por turmas e a professora, esposa de militar, passou a anunciar a entrada das crianças por um microfone ligado a uma grande caixa de som que era utilizada pelos padres durante as missas e nas reuniões que ocorriam no galpão da missão. Logo depois, a programação era traduzida para a língua Yanomami por um professor indígena.

As crianças, divididas em grupos e enfileiradas no corredor situado depois da porta que separa o pátio da escola das salas de aula, faziam sua entrada triunfal à medida que eram anunciadas. As apresentações consistiam na seleção de *músicas* e *danças* Yanomami. Primeiro, um grupo de meninas apresentou uma pequena seleção musical. Logo depois, foi a vez dos meninos entrarem, com os rostos pintados de preto, dançando em círculos e brandindo arcos e flecha. No caminho, eles eram interceptados por moças vestidas com saias feitas de sacos de estopa desfiados, que tentavam pegá-los para quebrar as pequenas flautas de bambu que traziam nas mãos. Por fim, foi anunciado o último grupo. As crianças entraram fazendo algazarra, deram uma volta no

5 Em Maturacá, o mel e o óleo extraído da castanha mascada são misturados à tinta preta do jenipapo e ao urucum. Desta forma, as pinturas, que possuem padrões variados, exalam um agradável perfume adocicado. O rosto é geralmente avermelhado com urucum e são pintados motivos com tinta preta de jenipapo. O restante do corpo pode ser esfregado com urucum e/ou pintado com longas listras ou com grandes círculos vermelhos. Cocco (1972) e Laudato (1998) reproduzem alguns destes padrões em seus livros.

pátio, atravessaram os bancos onde estavam sentados os espectadores chegando até a pilastra onde, por trás de um grande latão de lixo, estava um monte de ramos escondidos por uma professora Yanomami. Depositaram as folhas no centro do pátio e correram para seus pais, sob aplausos.

Durante todo o evento, tornou-se evidente que a perspectiva da professora responsável pela organização da comemoração do Dia do Índio diferia da perspectiva Yanomami. Ao mesmo tempo que chamava as crianças, a professora pedia, insistentemente, para que os pais que não rissem delas, que as crianças estavam apresentando a *cultura e a tradição Yanomami* e que *não deveriam sentir vergonha por isso*. Quando foi anunciado o último número, ela pediu desculpas aos presentes, pois o grupo não havia ensaiado a apresentação e poderia deixar a desejar. Quando as crianças deixaram o pátio, a professora, surpresa, observou que havia dado tudo certo. Encerrou, então, a comemoração dizendo, mais uma vez, que era muito importante para os Yanomami resgatarem sua cultura e não sentirem vergonha de serem índios.

Os Yanomami, por sua vez, faziam comentários em sua própria língua avaliando as apresentações e comparando-as às situações cotidianas às quais elas faziam referência e que situavam a comemoração do Dia do Índio não apenas no contexto da vida escolar em Maturacá, mas no contexto mais amplo da história de contato dos Masiripiwëiteri com a sociedade nacional.

A Missão Nossa Senhora de Lourdes e o contexto escolar salesiano

A maior parte dos habitantes das comunidades de Maturacá formam, juntamente com os moradores da aldeia de Nazaré, um bloco histórico que se auto-identifica como Masiripiwëiteri. Eles são conhecidos na literatura sobre os Yanomami como Kohoroxiteri, Kohoroxitari ou Kohoroxiwëtari (Valero 1984). Segundo Cocco (1972), os Kohoroxiwëtari, juntamente com os Karawëtari, foram os primeiros Yanomami a cruzar o Orinoco e migrar para a região de Mavaca, em decorrência de brigas com os Xamatari.

Os dois grupos teriam chegado as cabeceiras do Cauaburis e Marauiá aproximadamente em 1920. Os Masiripiwëiteri viveram isolados da sociedade nacional até 1952, quando estabeleceram contato com o Pe. salesiano Antônio Góes que, em

1954, fundou a Missão Nossa Senhora de Lourdes no canal de Maturacá. Em 1956, os Masiripiwëiteri mudaram-se para as proximidades da missão onde encontram-se até hoje.

A presença salesiana entre os Masiripiwëiteri contribuiu para emergência de uma estrutura de conjuntura peculiar entre os os grupos Yanomami situados no Brasil. O tamanho das aldeias na região destoa daquele observado na maior parte da T.I. Yanomami. As mudanças no padrão de assentamento e a sedentarização dos grupos locais contribuiu para que os recursos próximos à missão tornassem-se cada vez mais escassos. Hoje, os Masiripiweiteri passam parte do tempo em sítios, onde estão localizadas suas roças e onde a caça é um pouco mais abundante.

O formato atual das aldeias é produto da conjunção da concepção Yanomami do cosmos e da ação direta dos salesianos que contribuíram para a transformação gradual das casas coletivas em casas individuais e para o estabelecimento de espaços domesticados para manifestação ritual⁶. A atuação dos salesianos na transformação da aldeia circular em casas individuais é reconhecida por D. Miguel Alagna que permaneceu na região por mais de 20 anos: “A primeira vez que eu cheguei no meio dos Yaomami, Maturacá, eles viviam em forma de círculo, tudo ao redor, são várias... a aldeia é grande. Então, como tinham ido os salesianos lá já não viviam em forma de círculo, mas cada um tinha a sua casa” (1987:5).

A escola em Maturacá, como as demais escolas salesianas na região do Rio Negro, estava voltada para a catequização e integração das populações indígenas na sociedade nacional. Várias crianças foram afastadas de suas famílias e levadas para internatos salesianos, onde permaneceram até atingirem a maturidade⁷. Uma mulher, hoje residente da aldeia de Nazaré, que cresceu em regime de internato, contou-me que ao ser levada pelos salesianos tanto ela como sua família pensaram que estava apenas saindo para mais um passeio de barco com os missionários. Depois de muitos anos vivendo no internato, proibida de falar sua língua nativa e convivendo

6 Para maiores detalhes, ver Smiljanic 2002.

7 Segundo Santos (1983), a congregação Salesiana passou a administrar a Prefeitura Apostólica do Rio Negro – criada pelo papa Pio X em 1910 – no ano de 1914. Em 1925 a Prefeitura foi elevada à Prelazia e confiada ao Bispo D. Pedro Mazza. O primeiro internato salesiano foi fundado em São Gabriel da Cachoeira no ano de 1914, sendo seguido pelo de Barcelos (1916), Taracuá (1925), Yaraweté (1928), Pari-Cachoeira (1942), Tapuraquara (1946), Içana (1955), Cauaboris (1967). Além dos internatos, as missões mantinham escolinhas em terras indígenas.

predominantemente com mulheres da etnia Tucano, foi, por intermédio dos salesianos, trabalhar como doméstica em Belém, no Pará, só retornando para sua aldeia de origem anos depois⁸. Os próprios Yanomami exigiram o fim da prática de internato e, na década de 1970, expulsaram de suas terras o responsável pela missão: Pe. Pedro Durante.

Nos anos 1980, as escolas que funcionavam nas terras indígenas passaram a oferecer cursos profissionalizantes: corte e costura, técnicas agrícolas, mecânica e marcenaria. Em Maturacá, os alunos mais antigos relatam que aprendiam mecânica, principalmente voltada para o conserto de motores de barcos e para a formação de práticos⁹, e cursos agrícolas. Entre as tentativas de implementação de projetos agrícolas como atividade profissional indígena consta a instalação de uma fábrica de farinha em Maturacá, atualmente desativada, pela missão. Os internatos e os cursos profissionalizantes formaram os primeiros profissionais Yanomami que foram contratados pelos missionários e, posteriormente, pela prefeitura de São Gabriel da Cachoeira para exercerem funções em área.

Situações festivas entre os Yanomami e as mudanças engendradas no sistema socio-cultural dos Yanomami de Maturacá

Durante estas cinco décadas de contato com a sociedade nacional, o sistema socio-ritual dos Yanomami de Maturacá passou por mudanças significativas. Os Yanomami têm o costume de cremar os cadáveres em uma grande pira, feita de gravetos e lenha.

Os ritos fúnebres Yanomami também foram objeto de intervenção direta por parte dos missionários salesianos. A igreja católica só permitiu a cremação dos mortos em 1964, por um Decreto do Santo Ofício, assinado pelo cardeal Alfredo Ottaviani (Knobloch 1970: 156). Segundo relata Knobloch, as primeiras tentativas de introduzir o enterro cristão em Maturacá datam da década de 1960 (1975: 156-157). Mas os Yanomami confrontaram os missionários e desenterraram o corpo, realizando a cremação e deixando claro que eram contrários ao enterro cristão. Foi durante a

8 Ela afirma que saiu em 1959 e só retornou em 1971.

9 Termo utilizado para designar o profissional que conduz barcos à motor.

permanência de Pe. Carlos na missão que um casal, criado em internatos salesianos, concordou com o enterro do filho¹⁰.

Desde então, tornou-se um hábito nas aldeias dessa região o enterro dos corpos das crianças e jovens em cemitérios próximos às aldeias. Em situações excepcionais, o enterro pode ser realizado momentaneamente, para posterior cremação do corpo. Este foi o caso do enterro e cremação de um grande xamã que morreu quando alguns de seus filhos encontravam-se longe da aldeia.

Atualmente, apenas as pessoas mais velhas e influentes são cremadas e as cinzas guardadas para que sejam realizados os rituais funerários¹¹. A cremação, geralmente, é realizada logo após a morte. Os ossos calcinados são cuidadosamente recolhidos, pilados, pulverizados e guardados em recipientes apropriados que têm a boca vedada com cera de abelha. Estes recipientes são divididos entre os parentes do morto que se tornam responsáveis por organizarem as festas em sua homenagem. Em Maturacá esta pessoa deve fornecer chumbo e pólvora para os caçadores e a comida vegetal consumida no último dia de festa.

Em março de 2000, os Yanomami de Maturacá reuniram-se para prestar a última homenagem a um dos grandes homens da região. A festa foi um acontecimento importante que reuniu pessoas de várias comunidades. Depois de anos sem convidarem antigos parceiros rituais, os Karawëthari, os Masipiwëiteri acertaram, numa série de conversas pelo rádio com trocas de acusações de feitiçaria e de intermediações por parte dos Wawanawëteri, a presença de alguns deles no rito fúnebre que estava sendo organizado.

Por mais de um mês, um grupo de homens acampou próximo ao Pico da Neblina para caçar. Suas famílias permaneceram no sítio Tucano, localizado nas imediações dos locais de caça. Grande parte da carne foi moqueada e guardada para a festa. Quando acabaram os preparativos da festa, mais uma vez, recorreram ao rádio para marcarem o início dos festejos.

A chegada dos convidados foi anunciada em Maturacá e Ariabu por um

10 Padre Carlos assumiu a missão de Maturacá em 1978.

11 Os rituais e obrigações funerárias entre os diferentes grupos Yanomami já foram descritos por inúmeros autores. Existem algumas variações deste ritual entre os grupos e subgrupos Yanomami. Uma descrição do ritual funerário em outros grupos Yanomami pode ser encontrada Lizot 1988 e Smiljanic 2002. Sobre os rituais funerários entre os Yanomae ver Albert 1985 e Smiljanic 1999.

Wawanawëteri que havia se mudado para Ariabu há muitos anos. No dia da festa, os convidados entraram, devidamente ornamentados. Por fim, entraram os caçadores, um a um, dançando e cantando. Um grupo de moças e rapazes, localizados na parte central do grande pátio aberto da aldeia, corriam de um lado para outro, tentando cercar e imobilizar os caçadores para tomar e quebrar uma pequena flauta de bambu que traziam na mão.

Durante a festa, os militares mais graduados do 5º BEC passeavam com suas esposas pela aldeia de Maturacá, tirando fotos dos Yanomami paramentados. Oportunidade ímpar em Maturacá, onde as festas de forró são as principais atividades que contam com a presença dos militares.

Índios e Civilizados ou Índios Civilizados

Os Yanomami de Maturacá definem-se, hoje, como Yanomami e como civilizados. A professora, associando diretamente o uso de roupas aos modos civilizados, expressava, em seus comentários e no cartaz elaborado por ela, a visão predominante entre os poucos moradores do pelotão oriundos das grandes cidades. Pouco tempo antes da comemoração do Dia do Índio, o Comandante do 5º PEF, numa conversa rápida que mantivemos no posto de saúde, confessou-me que, por sua posição no exército, poderia ter escolhido outro cargo, mas optou por residir em Maturacá pela oportunidade de conhecer os Yanomami, que considerava, até então, uma das únicas populações indígenas brasileiras que mantinha suas tradições culturais. Entretanto, ao chegar em Maturacá, deparou-se com um grupo de índios aculturados, vestidos e com hábitos civilizados.

As duas identidades, índios e civilizados, concebidas como antagônicas pela professora branca, são entendidas como complementares pelos Yanomami. Como disse-me certa vez uma mulher mais velha que cresceu em um internato salesiano: *eu nunca deixei de ser Yanomami, trago sob minhas roupas, meu fio de algodão, amarrado no quadril*. Os Yanomami de Maturacá incorporaram em seu discurso termos tais como índios, ritual, cultura, tradição. E diferentemente de outros Yanomami, eles definem a si próprios como civilizados e se contrapõe aos seus antepassados e aos demais Yanomami que englobam pela mesma categoria, *xomayaiwë*.

Como os demais povos indígenas do alto Rio Negro, os Yanomami de Maturacá estão inseridos na vida citadina e participam ativamente dos rituais que ocorrem em São Gabriel da Cachoeira¹². Os Yanomami consideram de extrema importância ocuparem todos os espaços abertos em decorrência do contato. Aham relevante a presença de um indígena na direção da Funai em São Gabriel da Cachoeira e a nomeação de chefes de posto indígenas, embora nenhum Yanomami exercesse cargo na Funai local em 2000¹³. Além disso, pelo número restrito de eleitores no município de São Gabriel da Cachoeira e por estarem inseridos numa cidade predominantemente indígena, os votos Yanomami constituem objeto de disputa pelos políticos locais e objeto de negociações por parte dos Yanomami. Em 2000, por meio de alianças estabelecidas com o prefeito, as comunidades de Ariabu e Maturacá ganharam novos centros comunitários. A escola não é apenas o espaço onde os Yanomami têm acesso ao conhecimento associado aos brancos. É na escola que são realizados os principais eventos políticos que envolvem outros grupos Yanomami e brancos e é ali que são instaladas as urnas onde os Yanomami depositam seus votos durante as eleições.

Ao discutirem política, os Yanomami de Maturacá falam com entusiasmo sobre a possibilidade de que, em breve, a prefeitura e a câmara de São Gabriel da Cachoeira seja ocupada por indígenas. Mas, diferentemente das demais etnias do alto Rio Negro, onde observa-se um grande fluxo migratório para a cidade, os Yanomami voltaram-se para a sociedade nacional mantendo-se concentrados nas aldeias situadas nas terras tradicionalmente ocupadas por eles.

Atualmente, uma nova oposição se manifesta. Aquela observada entre os Yanomami de Maturacá e os índios da cidade. Dentre as diferentes etnias que compõe as associações que servem de sustentação política à FOIRN, os Yanomami são considerados os menos experientes em lidar com os brancos. Em 2000, acompanhei o presidente da AYRCA, Valdir, Yanomami da comunidade de Maturacá, a uma reunião realizada com um representante da diretoria da FOIRN. Nosso objetivo era acertarmos os detalhes de um projeto para construção da sede da Associação Yanomami do Rio Cauaburis e Afluentes (AYRCA). Durante a reunião, o representante da FOIRN ressaltou a importância da minha presença como antropóloga e assessora, pois os

12 Existe um circuito de festas tanto em São Gabriel da Cachoeira como nas cidades vizinhas.

13 Em Boa Vista um Wawanawëteri da aldeia do Maiá é contratado como tradutor pela Funai.

Yanomami, segundo ele, encontravam dificuldades para entender como um projeto deveria ser feito. No contexto socio-político do alto Rio Negro, a escola, como observou Lasmar (2005), tornou-se um espaço importante para adquirir conhecimentos associados aos brancos e valorizados no contexto das associações indígenas.

Como os demais indígenas do alto Rio Negro, os Yanomami valorizam o conhecimento dos brancos. As estratégias para adquirirem esse conhecimento mudaram com o passar do tempo.

A maior parte dos internatos salesianos no Brasil foram fechados entre meados dos anos 70 e de 1980 (Santos 1983). A escola em Maturacá tenta se adequar a uma nova realidade decorrente dos avanços da constituição de 1988, que garante uma educação diferenciada aos povos indígenas. Os missionários introduziram o ensino bilíngüe nos primeiros anos escolares e discutiam a introdução de novos conteúdos e a produção de material didático pelos professores Yanomami.

Os salários dos primeiros Yanomami contratados pela missão contribuíram para que seus filhos também fossem enviados para a escola na cidade. Hoje, além das relações de parentesco, os Yanomami contam com o auxílio da FUNAI para estudarem em Manaus e existe um caso em que o pai permitiu que o padrinho da criança, um pesquisador do INPA, adotasse seu filho para que ele pudesse continuar os estudos em Manaus, retornando para casa apenas durante as férias.

A vida social dos Yanomami de Maturacá segue hoje um ritmo determinado pelo calendário escolar. Existe o tempo da escola e da missão e o tempo de trabalho na roça; o tempo da vida nas aldeias e o tempo da vida nos sítios; o tempo da escassez e do consumo dos produtos da cantina da missão e o tempo da fartura.

As comemorações do Dia do Índio em Maturacá congregam elementos destes dois momentos. A dança apresentada pelas crianças na escola repetia, de forma estilizada, as danças e brincadeiras que foram realizadas durante essa festa ocorrida em maio. Da mesma forma, a última apresentação reproduzia um ritual realizado pelas mulheres para restituírem o *no uhutupë* das crianças, um dos componentes imateriais da pessoa Yanomami que abandona seu corpo temporariamente em decorrência de uma agressão ou acidente envolvendo seu duplo animal, *norexi*¹⁴. O ritual havia sido

14 Os Yanomami acreditam que as pessoas possuem um duplo animal que vive numa floresta

realizado pelas mulheres pouco tempo antes, durante a estadia das famílias no sítio Tucano para caçar. Desta forma, durante as comemorações do Dia do Índio, no espaço da escola, os Yanomami expressaram as diferentes dimensões que compõem a identidade de índios civilizados entre os Yanomami de Maturacá.

Bibliografia

Alagna, Miguel. 1987 - “Entrevista de D. Miguel Alagna, Bispo da Prelazia do Alto Rio Negro, ao jornalista da TIME John Barham, sobre o trabalho desenvolvido na Prelazia do Alto Rio Negro desde sua chegada na região em 1967”. Mimeo. 25 pp.

Albert, Bruce 1985 - Temps du sang, Temps des Cendres: Représentation de la maladie, système rituel et espace politique chez les Yanomami du sud-est. Thèse apresentada para obtenção do título de doutor na Universidade de Paris X.

_____ 1992. “A fumaça do metal : história e representação do contato entre os Yanomami”. Anuário Antropológico/89 :151-189.

_____ s/d. “Introdução”. In: ALBERT, Bruce & RAMOS, Alcida Rita (orgs.). Pacificando os Brancos. No prelo.

Albert, Bruce e Gomez, Gale G. 1997 - Saúde Yanomami: Um manual etnolingüístico. Belém: Museu Paraense. Emílio Goeldi.

Andrello, Geraldo. 2006. Cidade do Índio: Transformações e cotidiano em Iauaretê. São Paulo: Editora Unesp, ISA; Rio de Janeiro: NUTI.

Biocca, Ettore. 1971 – *Yanoáma: The narrative of a white girl kidnapped by amazonian*

distante. Geralmente, o duplo animal dos homens é um pássaro e das mulheres um animal terrestre ou aquático. Quando é criança, o duplo animal de uma pessoa é um filhote ou um ovo. O destino do duplo animal está intrinsecamente ligado ao destino da pessoa de tal forma que nascem e morrem no mesmo instante. Este ritual é realizado pelos Yanomami sempre que um xamã diagnostica que o mal do qual padece uma criança é decorrência do estado de vulnerabilidade no qual se encontra seu duplo animal. A mãe da criança é responsável por esconder as folhas que simbolizam o no uhutupë da criança em algum ponto da floresta. É ela também que convida as outras mulheres da aldeia para resgatarem as folhas e desta forma trazerem o princípio vital da criança de volta até o centro da aldeia, dançando e balançando as folhas.

indians. New York: E.P. Dutton & CO., INC.

Cocco, Luis 1972 – *Iyëwei-teri: quince años entre los Yanomamos*. Caracas: Escuela Técnica Popular Don Bosco.

Ferguson, R. Brian 1995 – *Yanomami Warfare: A political history*. School of American Research Press.

Giannini, Isabelle Vidal 2000 - “O Ritual Sete de Setembro”. In: RICARDO, Carlos Alberto. *Povos Indígenas no Brasil, 1996-2000*. São Paulo: Instituto Socioambiental.

Lasmar, Cristiane. 2005. *De Volta ao Lago de Leite: Gênero e transformação no Alto Rio Negro*. São Paulo: Editora UNESP/ISA; Rio de Janeiro: NUTI.

Laudato, Luís. 1998 – *Yanomami Pey Këyo*. Brasília: Editora Universa.

Lizot, Jacques 1975 – *Diccionario Yanomami-Español*. Caracas: Universidad Central de Venezuela, Facultad de Ciencias Económicas y Sociales, División de Publicaciones.

_____ 1988 – *O Círculo dos Fogos: Feitos e ditos dos índios Yanomami*. São Paulo: Martins Fontes.

Migliazza, Ernesto 1972 – *Yanomama Grammar and Intelligibility*. Tese de doutorado. Universidade de Indiana.

Novaes, Sylvia Caiuby. 1993 – *Jogo de Espelhos: Imagens da representação de si através dos outros*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

_____ 1999. – “A épica salvacionista e as artimanhas de resistência: as Missões Salesianas e os Bororo de Mato Grosso”, in: Wright, R. M. *Transformando os Deuses: Os múltiplos sentidos da conversão entre os povos indígenas no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp. pp. 343-359.

Peirano, Mariza G.S. 1991 – “The Anthropology of anthropology: The Brazilian Case”.

Série Antropologia 110. Brasília: Departamento de Antropologia da UnB.

_____ 2000 – “ A análise antropológica de rituais”. *Série Antropologia* 270. Brasília: Departamento de Antropologia da UnB. 30pp.

Peres, Sidnei Clemente. 2003. Cultura, política e identidade na Amazônia: o associativismo indígena no Baixo Rio Negro. Campinas: Tese de Doutorado em Ciências Sociais apresentada ao Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

Ramirez, Henri. 2001. *Le Parler Yanomami des Xamatauteri*. Rondônia: CEPLA Working Papers (1994). nº 1, outubro.

Ramos, Alcida Rita 1990a. *Memórias Sanumá: Espaço e tempo em uma sociedade Yanomami*. Brasília: Editora Universidade de Brasília. São Paulo: Editora Marco Zero.

_____ 1990b – “Ethnology Brazilian Style” – In: *Cultural Anthropology* 5 (4), November.

Sahlins, Marshall 1981 – *Historical Metaphors and Mythical Realities*. The University of Michigan Press.

_____ 1997a. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). *Mana* 3(1):41-73.

_____ 1997b. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte II). *Mana* 3(2):103-150.

Santos, Antônio Maria de Souza 1983. *Etnia e urbanização no Alto Rio Negro: São Gabriel da Cachoeira – AM*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social apresentada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Smiljanic, Maria Inês 1999 – *O Corpo Cósmico: O xamanismo entre os Yanomami do Alto Toototobi*.

_____ 2001 – *Relatório de Assessoria Antropológica IDS-FUNASA. Convênio 0386/99*. Mimeo.

_____ 2002. Os Enviados de Dom Bosco entre os Masiripiwëiteri. O impacto missionário sobre o sistema social e cultural dos Yanomami Ocidentais (Amazonas, Brasil). Journal de la Société des Américanistes, Paris, v. 88, p. 137-158.

Outras Fontes Bibliográficas

Instituto Indigenista Interamericano

Ata do I Congresso Indigenista Interamericano. Consultado em 23 de abril de 2008. In <http://www.indigenista.org/web/congreso1.html>. 40 pp.

Portal Legislativo – Senado Federal

Decreto-Lei nº 5.540 de 2 de Junho de 1943. consultado em 23 de abril de 2008. In <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=9899> .

Arquivo Histórico Clara Galvão – FUNAI

1973. – REF. PROC. No FUNAI/BSB/1751/73

1975a. – Relatório - Seminário FUNAI/ Missões Religiosas. Grupo Rio Negro. (Março)

1975c. – Prelazia do Rio Negro – Tema: Educação no Rio Negro - Seminário Funai/ Missões Religiosas. (Março)

1977 a. – Prelazia do Rio Negro – Relação Nominal dos Missionários Agrupados de Acordo com as Localidades em que Trabalham.

1977 b. – Levantamento de Dados Referentes às Áreas de Atuação de Missões Religiosas nas Regiões dos Rios Içana, Negro e Waupés (Amazonas). FUNAI/AGESP.